

## **“MENOS UMA COISA NO LUGAR”: AS COMUNIDADES RURAIS E O FECHAMENTO DE SUAS ESCOLAS**

KREMER, Adriana – UNIPLAC – adriana.kremer@bomjesus.br

GT: Educação Popular / n.06

Agência Financiadora: Sem Financiamento.

As transformações em nossa sociedade, acentuadas nas últimas décadas, têm interferido diretamente na vida das comunidades rurais. Fatores como o êxodo rural, a falta de incentivo à agricultura familiar, a relação cada vez mais estreita com os modos de vida urbanos, proporcionada pela expansão das redes de comunicação e pelas possibilidades de transporte, têm influência direta nesse processo de reelaboração das identidades sócio-culturais dos moradores do campo. Nesse contexto, a Igreja e a Escola parecem ser fundamentais como eixos agregadores que permitem a sobrevivência da vida “em comunidade”. Diante do fechamento da Escola a comunidade rural sofre um abalo em suas referências, sente que fica mais fraca, e teme que aquele seja o anúncio do fim. Como diria a comovida expressão de uma moradora: *“é menos uma coisa no lugar. A gente vê que tá desmoronando, se acabando...”*<sup>1</sup>.

Este trabalho é parte de um projeto de dissertação que objetiva analisar o processo educacional dos povos que vivem no campo no município de Bom Retiro/SC, com especial interesse ao processo de “Nucleação Escolar”. Sua implantação no ano letivo de 1998 agrupou alunos e professores em Escolas-núcleo, e ocasionou o fechamento da maioria das Escolas Isoladas (de classes multisseriadas) que funcionavam nas localidades do interior.

Apresentamos aqui algumas aproximações resultantes da análise de entrevistas realizadas com lideranças comunitárias e professoras aposentadas que trabalharam nas ditas “Escolas Isoladas”. No presente estudo nosso objetivo é discutir os sentidos e significados que a Escola assume “em” e “para” uma comunidade rural, questionando o que essa ausência pode representar para a comunidade na preservação da memória e na articulação comunitária.

O município de Bom Retiro localiza-se na Região da Serra Catarinense, distante 134 Km de Florianópolis. À época do último Censo, possuía 7.967 habitantes. Destes, cerca de 33% residindo nas 31 localidades do interior. A agropecuária é a principal atividade econômica de Bom Retiro, na maioria dos casos desenvolvida em pequenas propriedades, com exceção de algumas empresas do agronegócio da maçã.

Na fase de implantação da Nucleação Escolar, ao contrário do que preconizavam as diretrizes do Projeto no estado de Santa Catarina: “assegurar o registro, através de atas de reuniões com a comunidade, respaldando a desativação da Escola”<sup>2</sup>, a maioria das comunidades não foi comunicada formalmente, apenas ouviu a notícia, muitas vezes dada pela própria professora. Como conta Dona Vanda: “*Veio chegando de boato: ‘olha, nós escutamos que vai acabar a escola do Campo Novo’. Eles não avisaram, talvez alguém avisou alguém, ou sei lá, quando a gente viu disseram: tão desmanchando a escola*”. Isso dificultou a mobilização dos moradores, e restringiu as insatisfações a meros desabafos. Segundo ela: “*o povo ficou muito revoltado. Eles queriam até falar, ir em algum lugar pra falar, outros diziam: não adianta, porque isso é coisa do governo*”. Também a Professora Marilene<sup>3</sup> conta da reação de alguns pais: “*eles reclamavam muito, mas pra gente. Lá perante as autoridades maior eles não reclamavam*”.

Diante deste cenário, nossa tentativa foi de dar “voz” para que as comunidades expressassem os sentimentos que lhes atravessam, seus valores, suas subjetividades e suas muitas relações com a Escola. A Escola entendida como instituição, mas também como instalação física carregada de valores históricos, como espaço de outras atividades sociais e como representação social e cultural.

Acreditamos numa Educação segundo Gramsci, como algo que não tem os objetivos encerrados nela mesma, mas que tem o papel de transformar as massas, pela construção de novos sujeitos sociais. Para Semeraro (2001), Gramsci “*está convencido, na verdade, de que as insuficiências das classes subalternas podem ser superadas por um intenso trabalho de educação e pela capacidade de organização e de elaboração duma proposta superior à hegemonia estabelecida*” (p. 251). Portanto, uma prática emancipatória, que ultrapassa os conteúdos pré-determinados e que inclui toda a comunidade.

A relação entre os moradores e a Escola sempre foi muito próxima. Novamente é Dona Vanda que nos conta: “*cada escolinha tinha a sua diretoria. Aquela diretoria ali cuidava, fazia um bingo, um festinha, pra conservação da escola*”. O dinheiro

---

<sup>1</sup> Ivandina Branger Goedert, a Dona Vanda, moradora da Comunidade de Campo Novo do Sul. Entrevistada no dia 10/01/07.

<sup>2</sup> Retirado do documento: “Programa Nucleação de Escolas” – Secretaria de Estado da Educação e do Desporto (SED/SC), de março de 1997.

<sup>3</sup> Marilene Cabral, professora aposentada, lecionava na Comunidade da Soledade, onde ainda reside. Entrevistada no dia 09/01/07.

arrecadado servia para aquisição de materiais e até utensílios domésticos. Mas em alguns casos, no processo de fechamento da Escola, as autoridades acabaram dando destino até ao que foi adquirido pela comunidade.

A desativação da Escola gerou sentimentos de impotência, de tristeza, de desvalorização do lugar e até de perda da história. Dona Vanda sempre residiu ao lado da Igreja e da “Escolinha”, e assistiu o desmanche e o descaso com o que restou: *“no desmanchar acabou ali. Porque o que é que restou? Uns vasos sanitários pinchado lá no chão... Então acabou ali uma história muito longa porque foi do meu tempo, do tempo dos meus filhos e ia ser pros meus netos e daí... acabou.”*

Éclea Bosi (1994), lembra que *“o desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais”* (p. 443). E lembra que é direito de qualquer pessoa ter um passado. Um direito que está diretamente ligado à saúde mental, principalmente das pessoas mais idosas.

Dona Marilene, por exemplo, conta com muita dor que sua mãe, a primeira professora formada que apareceu naqueles arredores, não se conformava com a transferência da Escola: *“quando tiraram a escolinha ali, olha, a minha mãe tinha depressão essas coisas, teve uma temporada que ela disse que não podia nem olhar pra aquele local ali onde foi tirada a escolinha, ela disse: (...) parece uma pessoa que eu perdi que eu não vejo”*.

Poderíamos dizer que é característica humana buscar estes ícones que guardam suas identidades, seus vínculos, e sua memória. Nesse sentido, nos diz Delgado (2006): *“o homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores”* (p. 51).

Paulo Freire também insiste que a Educação passa pela questão da identidade cultural. Afinal, assumir uma posição de sujeito no mundo, implica situar-se histórica e territorialmente, como produtor de cultura: *“sendo os homens seres em ‘situação’, se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam”* (FREIRE, 1981, p. 119).

A escolarização das crianças hoje acontece nos Núcleos, ainda que de forma bem questionável (discussão que ultrapassaria os limites deste estudo). Mas para a comunidade rural a Escola não se restringia ao processo formal de educação dos filhos.

Muitas coisas aconteciam tendo a escola como centro. A professora Cleusa<sup>4</sup> lembra com satisfação:

Marcava tal dia tem missa, a professora que tinha que avisar. Tal dia tem vacina, a professora que tinha que avisar, porque tudo era lá na escola. Era o ponto de referência naquele tempo era a escola. (...) a professora que escrevia o bilhetinho lá no caderno: ó vai ter isso e isso de interesse dos pais da escola. Faz muita falta.

Dona Vanda lembra que o fechamento da Escola implicou ainda na transferência do título de eleitora: *“Desde o votar era na escola. Saiu a escola agora tem que votar em outro lugar, né”*. Na comunidade da Soledade, que não conta com Igreja, além da perda da seção eleitoral, a saída da escola interferiu inclusive nos encontros religiosos. Quem nos conta é Dona Marilene:

As eleições era aqui. Esse pessoal daqui da Soledade vinham tudo votar a pé, pertinho que era pra vim. (...) Eu fazia novenas aqui, isso dava gente... Eu fazia na escolinha ali, precisava de ver como dava gente. Às vezes eu fazia primeira comunhão, tudo, eu dava catequese, tudo na escolinha. Era muito bem centralizado aqui pra tudo.

Por esses e tantos outros motivos que poderíamos também relatar aqui, as pessoas entrevistadas parecem ter sentido muito a perda da Escola.

Já o “Seu Orico”<sup>5</sup>, pertence a uma comunidade que recebeu um Núcleo. Ele fala da garantia de movimento que traz a Escola: *“é dia de reunião dos pai, já dá aquele movimento e proza, um prozeia, outro já troca idéia e aí vai, se interte”*. A esposa, Dona Nida<sup>6</sup> completa dizendo como ficaria sem a Escola: *“ia ficar até meio morto o lugar, né”*.

As palavras de Seu Orico são profundas: *“daí é uma coisa de mais união. Se não tiver um negócio assim, pra fazer volta e meia uma reunião, uma coisa, você fica: você tá lá e eu aqui. Não tem uma união, não tem uma troca de idéia”*. É a sabedoria popular falando da importância da articulação comunitária propiciada pela movimentação social que gera a Escola.

---

<sup>4</sup> Cleusa Aparecida Xavier, professora aposentada, lecionava na Comunidade da Guarda Velha. Entrevistada no dia 29/01/07.

<sup>5</sup> Senhor Orico Júlio da Cruz, morador do Paraíso da Serra. Ele e a esposa são donos do bar em frente da Igreja e da Escola. Entrevistados no dia 30/01/07.

<sup>6</sup> Anida da Cruz, esposa de Seu Orico.

Queremos concluir com Dona Vanda e sua fala que deu título a este trabalho. Ela nos mostrou como a auto-estima, o sentimento de valorização da comunidade fica abalado com um processo dolorido como esse de desativação da Escola:

Eu acho que perdeu muito. Porque é uma coisa que tiraram dali que... que era nossa. Tiraram, levaram e não temos mais direito à escola aqui. Temos lá, mas aqui, à nossa, não. Mesma coisa que querer tirar a nossa Igreja, levar pra outro canto: ó, perdemos. (...) Acaba mais o lugar, né, a comunidade. Porque é mais uma atividade no lugar: “lá tem a escola”, “lá tem um professor”, “lá tem uma reunião”, “lá tem uma festinha de escola”. É mais coisas pro lugar.

Desde o início das discussões nos movimentos sociais para a criação de uma Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, já estava definida a importância de “*reconhecer a necessidade da escola no campo e do campo*” (KOLLING; NÉRY; MOLINA, 1999, p. 37). Justamente porque uma educação significativa e emancipatória para os povos do campo, passa pela contextualização dos conteúdos segundo os modos de produção da sobrevivência no campo, e pela garantia de que essa Escola esteja no território rural, junto das comunidades.

Paulo Freire (1996) alerta que a Educação é tarefa bem mais ampla que a simples transmissão de conteúdos e desenvolvimento de competências técnicas, mas que vem sendo usada como campo de consolidação do pensamento hegemônico, por meio de práticas educativas alienantes. Nos parece que a desativação das Escolas nas pequenas comunidades rurais faz parte desse projeto, uma vez que arranca das comunidades suas Escolas, em nome de uma suposta qualidade no ensino.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral** – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

KOLLING, Edgar Jorge; NÉRY, Irmão; MOLINA, Mônica Castagna (ORG.). **Por uma educação básica do campo** (Memória). Brasília: Editora UnB, 1999.

SANTA CATARINA – SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Programa Nucleação de Escolas**, 1997.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e a sociedade civil**: cultura e educação para a democracia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.